

ESTAMOS DIANTE DE UMA NOVA REVOLUÇÃO? INVESTIGANDO OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DO USO DE CELULARES MULTIFUNCIONAIS.

Alunas: Fernanda Cogliatti Ottero

Orientadora: Ana Maria Nicolaci-da-Costa

Introdução:

A partir da integração em rede dos computadores do mundo inteiro, possibilitada pela Internet, emergiu uma nova organização social, a sociedade em rede, onde, tudo está potencialmente interligado. Essa transformação gerou grandes mudanças na forma de viver e de ser da população mundial.

Depois dessa integração dos computadores mundiais, vemos, agora, um novo período de transformação, desencadeado pelo uso dos celulares. Cada vez mais fazemos uso de tecnologias da informática e das telecomunicações que nos permitem mobilidade. Em outras palavras, tecnologias foram desenvolvidas para permitir o uso de plataformas móveis para estarmos interligados. Estas são as tecnologias por trás da telefonia celular.

Os celulares inteligentes, que conjugam diversas funções, introduzem alterações no comportamento e nas formas de viver de seus usuários. Percebemos isso por sua grande penetração em todo o tecido social. Os celulares difundiram-se por todo sistema econômico e vêm gerando transformações aceleradas.

Tal como no caso da Internet, importantes alterações nas configurações psicológicas poderão ser uma das conseqüências de seu uso cotidiano. Observações preliminares sugeriram, por exemplo, que poderia estar ocorrendo a re-definição das esferas do público e do privado, que novas formas de controle poderiam estar emergindo e que um novo tipo de sociabilidade 24 horas por dia poderia estar sendo instaurado.

Objetivos:

O objetivo da atual pesquisa foi inspirado em uma pesquisa anterior com jovens de 18 a 25 anos que tinha como objetivo: (1) a investigação dos hábitos de uso dos celulares entre os jovens das camadas médias urbanas; (2) a identificação dos perfis dos usuários de celulares pertencentes a essa faixa etária e classe social; (3) a investigação das alterações de ordem psicológica que o uso dos celulares está introduzindo em suas vidas.

Dentre os resultados da pesquisa com jovens sobre o uso dos celulares, um dos itens que nos chamou atenção foi: os constantes e muitas vezes contraditórios depoimentos sobre como, ao mesmo tempo, se sentem livres por conta dos celulares (na medida em que a possibilidade de serem vigiados à distância lhes dá uma maior autonomia) e se sentem invadidos pelos pais, que usam os celulares para exercer sobre eles novas formas de vigilância e controle. A partir desse resultado surgiu o interesse

em pesquisar o uso do celular por mães de filhos na mesma idade que os sujeitos da pesquisa anterior.

Em função do que esses jovens diziam a respeito do uso que seus pais, principalmente suas mães, para mantê-los sob vigilância, foi sugerido pela Professora Ana Maria Nicolaci-da-Costa que a equipe de pesquisa realizasse um levantamento análogo acerca do uso dos celulares por sujeitos que se enquadrassem em um perfil de mães com filhos entre 18 e 25 anos. Além de analisar a questão do controle, aspecto freqüente no relato dos sujeitos da pesquisa anterior, essa nova pesquisa tem como objetivo investigar os hábitos de uso na faixa etária entre 40 e 60 anos.

A pesquisa analisou como ocorreu a entrada do celular na vida dessas mulheres e as mudanças no seu cotidiano após a inserção dessa tecnologia. Nas entrevistas percebemos desde sua forma de uso inicial, quando adquiriram seus primeiros celulares, e pudemos acompanhar a evolução de sua maneira de usá-los até a forma atual.

Metodologia:

A pesquisa foi realizada através de 20 entrevistas individuais gravadas e posteriormente transcritas na íntegra.

1) Sujeitos das entrevistas

Alguns critérios foram determinados para o recrutamento dos sujeitos entrevistados: (1) ter entre 40 e 60 anos; (2) ser do sexo feminino; (3) ter filhos entre 18 e 25, que tenham celulares próprios; (4) morar com os filhos; (5) ter celular próprio há no mínimo um ano; e (6) pertencer às camadas médias e urbanas. A seguir, serão explicados os motivos pelos quais esses critérios foram estabelecidos.

O primeiro critério de recrutamento foi estabelecido considerando a idade que correspondesse à possibilidade de ser mãe de jovens entre 18 e 25 anos. Como a faixa etária dos filhos era ampla, também não se poderia limitar muito a idade das “mães”.

Quanto ao segundo critério de recrutamento, decidiu-se fazer apenas entrevistas com mães. Pois na pesquisa realizada com os jovens observou-se que alguns destes diziam sentir-se controlados, principalmente pelas mães. Sendo assim, na presente pesquisa, os sujeitos tinham de ser do sexo feminino. O terceiro e quarto critérios também foram impostos considerando a pesquisa anterior, a qual já determinava a idade dos jovens, o fato de terem celular próprio e morarem com as mães. Dessa maneira, mantém-se a possibilidade de ser feita uma comparação entre as duas pesquisas.

Em relação ao quinto critério, era necessário que os sujeitos tivessem celulares há no mínimo um ano, pois em outras pesquisas realizadas pudemos constatar que o uso dos celulares se modifica de forma relevante ao longo do tempo, tendendo a se tornar mais amplo. E, por fim, considerando os estudos que já mostraram que o uso do celular é sensível ao contexto sócio-cultural (Nicolaci-da-Costa, 2004, 2003), ficou definido que os sujeitos deveriam pertencer às camadas médias urbanas. Dessa forma, tem-se a finalidade de delimitar um perfil específico, pois o uso dessas camadas difere do uso das camadas menos favorecidas.

2) Instrumentos de coleta de dados

Quanto à coleta de dados, inicialmente, um roteiro foi elaborado para a realização de entrevistas piloto. Após análise dessas primeiras entrevistas, foi elaborado um outro roteiro mais qualificado e aprimorado para investigar as questões de nosso interesse. Baseados neste novo roteiro – agora definitivo – foram efetuadas 20 entrevistas.

O roteiro definitivo é constituído por uma parte estruturada, referente à idade da mãe, sua ocupação, seu estado civil, número de filhos, idade dos filhos, com quantas pessoas mora e quem são, há quanto tempo tem o celular e quantos filhos têm celulares; e uma semi-estruturada, que contém os principais itens que servem de base para as questões que se pretendia investigar, num total de trinta perguntas, em sua maioria, abertas. Perguntas abertas são caracterizadas por não limitar a resposta do sujeito entrevistado, oferecendo-lhe liberdade para responder da forma que desejar o que lhe é questionado. De modo a atingir os objetivos da pesquisa, as perguntas fechadas – caracterizadas pela limitação da resposta – eram seguidas de perguntas de aprofundamento (como, por exemplo, “por quê?”).

O roteiro foi utilizado como um instrumento para guiar o entrevistador. A entrevista deveria se assemelhar a uma conversa informal, por isso as perguntas não tinham uma ordem estabelecida e não eram lidas, evitando a artificialidade e a inibição do entrevistado. Além disso, para torná-las descontraídas, foram realizadas em locais escolhidos pelos próprios sujeitos.

As principais questões presentes no roteiro abordavam as seguintes temáticas: a rotina do uso do celular da entrevistada, as diferenças entre o uso do telefone fixo e do celular, as formas de relação interacional que perpassam o uso do celular, as mudanças ocorridas diante de seu uso (negativas, positivas, voltar à vida antes do celular), questões cotidianas (quando desliga, se já foi roubado, quebrado, ligações de madrugada etc.) e questões relativas à privacidade e à intimidade.

Roteiro das entrevistas:

I-Requisitos:

- Ter entre 40 e 60 anos
- Ter filhos entre 18 e 25 anos
- Sexo feminino
- Morar com os filhos
- Ter celular próprio há no mínimo um ano
- Classe média / média alta

II-Identificação:

- Idade
- Ocupação
- Estado civil
- Número de filhos
- Idade dos filhos
- Com quantas pessoas mora? Quem são?
- Há quanto tempo tem o celular?
- Quantos filhos têm celulares?

III. Roteiro

- 1) Quando você comprou seu primeiro celular? Por quê?
- 2) Como você usa o seu celular? (Recebe mais / Faz mais ligação? Quem te liga / Pra quem você liga?).
- 3) Qual a maior utilidade do celular para você?
- 4) Quem tem o número do seu celular?
- 5) Qual telefone você usa mais: o celular ou o fixo? Por quê (para quê)?
- 6) Qual telefone você costuma dar primeiro? Celular ou fixo? Por quê?
- 7) Você tem o celular das suas amigas? Elas têm o seu? (Por quê?).
- 8) Tem o celular sempre por perto? Onde? Como?
- 9) Seu celular está sempre ligado? Por quê?
- 10) Você usa a agenda do seu celular?
Em caso positivo: Quem são as pessoas que estão gravadas? Por quê?
Você tem estes números só na agenda do celular?
Em caso negativo: Onde mais?
- 11) Depois que você comprou o celular, como ficou o seu uso do fixo?
- 12) Quando as pessoas te ligam, elas ligam primeiro pra qual? Celular ou fixo?
E, quando você liga para elas, liga pra qual primeiro? (investigar as ligações para os filhos)
- 13) Quem na sua casa tem celular? Eles compraram ou ganharam o celular? (Se ganharam, perguntar de quem e por quê. Se compraram, perguntar por quê).
- 14) Como é a comunicação entre vocês? (família / filhos / e outras pessoas da sua casa)
Eles te ligam mais / você liga mais pra eles? Por quê?
Normalmente vocês se ligam pra quê?
Com que frequência vocês se falam durante o dia? (Enfatizar as ligações para os filhos)
- 15) Quando você liga pro celular de alguém, você costuma perguntar onde a pessoa está? Por quê? No caso das pessoas da sua casa (principalmente os filhos), você pergunta onde eles estão? Por quê?
- 16) Você atende qualquer um no celular em qualquer lugar e a qualquer hora? Em caso negativo: Quem você atende em qualquer lugar e a qualquer hora? Por quê? Como se sente quando liga para alguém e a pessoa não atende? Como se sente se essa pessoa for seu/sua filha? Por quê?
- 17) Você costuma olhar no visor antes de atender? Por quê? (investigar se o(s) filho(s) a identifica(m) antes de atender)
- 18) E toque diferenciado, você usa? (Em caso positivo, para quem e por quê?).
- 19) Como você se sente com a possibilidade de ser encontrada em qualquer lugar a qualquer hora?
- 20) E como você se sente com a possibilidade de poder encontrar as pessoas com quem quer falar em qualquer lugar e a qualquer hora? (Aqui, investigar a questão dos filhos).
- 21) Você costuma receber ligações de madrugada?
Em caso positivo:
No fixo e/ou no celular? (Cuidado para discriminar o que acontece no fixo e no celular)
Quem costuma te ligar? Pra quê?
O que você acha disso?
- 22) E você costuma fazer ligações de madrugada? Pra quem? Por quê?
- 23) Você recebe ligações a cobrar? De quem? Como se sente?

- 24) Você costuma emprestar seu celular? Por quê? Pra quem?
- 25) Se um celular de alguém da sua casa quebrar ou for perdido/roubado, o que acha que aconteceria? Alguém emprestaria o seu? Quem? Para quem?
- 26) Você já teve seu celular quebrado ou roubado? Como foi? Como se sentiu?
- 27) Quais as mudanças positivas que o celular gerou na sua vida? Por quê? Quais as mudanças negativas que o celular gerou na sua vida? Por quê?
- 28) Você gostaria de voltar à vida antes do celular? Por quê?
- 29) O que é privacidade pra você? Mudou alguma coisa na sua privacidade com o uso do celular?
- 30) E intimidade, o que é pra você? Como fica a intimidade com o uso do celular?

3) Procedimentos

A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas presenciais e individuais, conduzidas de forma a preservar as características de uma conversa informal. Ficou a critério do entrevistado escolher o lugar mais conveniente para a realização da entrevista. Isso foi feito para permitir que ele se sentisse à vontade.

4) Análise de Dados

Após serem integralmente transcritas, as entrevistas foram submetidas às técnicas de análise qualitativa de discurso (ver Nicolaci-da-Costa, 1989, 1994, 2002b e c). Tal análise é realizada em duas etapas: a análise intersujeitos e a análise intra-sujeitos. A primeira consiste em buscar as respostas predominantes para a maioria dos sujeitos, uma visão panorâmica dos depoimentos é possível através do agrupamento de todas as respostas de todos os sujeitos, que são sistematicamente comparadas em busca de recorrências, fato possível visto que todos os sujeitos têm um perfil homogêneo e se pronunciam sobre todos os itens do roteiro. Nessa etapa, as respostas recorrentes já apontam para possíveis tendências centrais nos resultados, que serão confirmadas ou não na análise individual das entrevistas. A segunda etapa, a análise intra-sujeitos, se dá pela análise de cada entrevista individual e, nela, são investigados os possíveis conflitos e contradições que podem aparecer dentro do discurso de um mesmo sujeito. Essa técnica nos fornece um conhecimento tanto global quanto específico do material coletado e propicia, além disso, a revelação de significados que estão nas entrelinhas dos depoimentos.

Resultados:

Os resultados foram analisados por completo por toda equipe, sendo que cada membro ficou responsável pela análise detalhada de determinados itens. A seguir se encontram, exclusivamente, os tópicos analisados por mim.

Principais razões para a aquisição do aparelho móvel:

Na análise dos dados foi possível observar que a maior parte das entrevistadas relatou ter comprado celulares para si mesmas e para seus filhos objetivando uma maior facilidade para se comunicarem, entre si principalmente e, por conseguinte, obter maior tranquilidade e segurança. Raquel Dias, de 46 anos e economista, relata que o benefício mais importante trazido pelo celular é a:

“Segurança. Eu acho que é o fundamental. Acho que até por isso foi tão difundido e tão divulgado, né?! O meu objetivo primeiro quando eu dei o celular para os meus filhos, foi de poder encontrá-los. (...)”

Grace Costa, de 48 anos e comerciante, casada e mãe de duas filhas (21 e 23 anos) diz: "Por exemplo, a mais nova dirige, às vezes viaja, pega o carro sozinha à noite, né?! Então acho que o celular traz mais segurança. Se o carro quebra, ela pode ligar. Pra Bianca é a mesma coisa, ela tem mais segurança com o celular por perto, e eu também fico muito mais tranqüila."

Elizabeth Carvalho, comerciante com 40 anos "e tal", ressalta que a violência é uma grande preocupação atualmente, e o celular a ajuda a ficar mais tranqüila, pois facilita o acesso aos seus filhos sempre que desejar. É por isso que revela ter comprado seu primeiro celular:

"(...) exatamente pra ter contato com eles [os filhos] fora de casa, essas coisas né?! Filho sai, pra saber onde é que está, que horas que chega, com quem tá... Por causa da violência mesmo, só por isso. Exclusivamente por isso. (...) É eu fico bem mais tranqüila, porque eu sei que posso falar com ele a qualquer hora, ou mesmo com ela aqui, ou com qualquer outra pessoa. Mas a minha preocupação é com os dois né?! Que eu sei que posso falar a qualquer hora. Dá tranqüilidade, acho uma maior segurança, você saber... Hoje em dia a gente pensa, 'como que o meu filho está?', não é verdade?"

Rafaela Carneiro (45 anos, administradora) e a maior parte das outras entrevistadas também têm a mesma opinião. Rafaela a coloca de forma compacta:

"(...) *Elas [as filhas] ganharam (...) Para a gente poder se falar, meio que para dar uma certa segurança, para saber onde elas estão. Então, uma comunicação mais fácil entre a gente*".

Poucas disseram ter comprado - ou ganhado - seus aparelhos móveis por conta da novidade do produto ou por necessidades profissionais. Carla Dantas, decoradora com 53 anos, diz que suas amigas lhe deram o celular de presente "*porque elas acharam que eu estava resistindo a ter, que eu estava demorando a me decidir a ter. E que isso era importante para a minha profissão de decoradora. (...)*".

Dentro desta minoria, Tânia de Castro, com 53 anos, professora de português, diz que ganhou o celular de presente do seu marido porque "*(...) Ele adora aparelho, então tudo que é novidade ele gosta de comprar e acredito que deva ter sido isso. Menos por necessidade e mais porque era uma novidade*".

O depoimento a seguir nos mostra como a prioridade é falar com os filhos e familiares, e que a novidade do produto e necessidades profissionais são motivos secundários na maioria das entrevistas. Lúcia Pinheiro, de 51 anos, administradora dos imóveis de sua família admite que "*(...) não uso assim para trabalho, dificilmente*". Conta que resolveu comprar seu primeiro celular "*por segurança, para estar em contato mesmo com a família. Esse negócio de ficar trabalhando no celular, eu não faço. É mais para as pessoas me acharem, uma necessidade, se precisar falar com alguém. (...)*".

O celular apenas como um telefone :

Quanto ao uso que fazem de seus aparelhos, a maioria delas informou saber usá-los de maneira bem simples: ligar, fazer e receber chamadas, e desligar. Ou seja, apenas como um telefone, assim relata Solange Fernandes, aposentada, de 54 anos, que diz: "*não faço questão de aprender mais nada, contanto que ligue para eles (filhos) e desligue, saber carregar e pronto, o mínimo*".

Joana Pinto, de 53 anos e também aposentada, afirma que o seu uso do celular é diferenciado da "*(...) geração de vocês que o celular tem uma função muito maior*". Complementa dizendo que "*para mim basta ligar e desligar, esse negócio de entrar na internet, mandar torpedo (...) pra mim não precisa (...)*". Raquel Dias, de 46 anos e economista, também apresenta seu uso do celular da seguinte forma: "*(...) eu nunca me*

aprofundo em saber como ele realmente funciona. Ele atende às minhas necessidades: ele toca, eu ligo, entendeu? Acabou! Não preciso mais do que isso”.

O uso de outros dispositivos como torpedos, toque diferenciado e agenda, foi percebido como bem restrito. Apenas Elisabeth Dantas, de 40 anos e comerciante, que atualmente está iniciando uma nova relação amorosa, informou fazer uso constante de torpedos: *“Eu uso mensagem de texto pra caramba”*. Principalmente para economizar, para dar recados rápidos e quando ela não quer falar muito.

O uso do toque diferenciado também foi poucas vezes mencionado, uma vez que as entrevistadas não conseguem reconhecer a sua utilidade - já que admitem não ter obtido sucesso ao tentar relacionar o toque à pessoa. Além disso, na maioria das vezes, elas disseram não fazer questão de usá-lo.

Quanto à não associação do toque à pessoa, Joana Pinto, aposentada de 53 anos, diz: *“(…) não vai adiantar muito, porque você tem que está sempre ligada no toque que está tocando. Se tiver toque muito diferente, não percebo (…)”*. Sabrina Padrão complementa *“eu escolho o que me agrada legal, e aquele fica pra todo mundo”*.

No que se refere ao fato das entrevistadas não fazerem questão de utilizar o toque diferenciado, Tânia de Castro, com 53 anos e professora de português, relata ter este dispositivo, mas não usá-lo já que *“pra mim é receber a chamada e desligar, só e acabou. É essa a utilidade do celular (…)* o toque diferenciado não me faz falta não”. Lúcia Pinheiro, 51 anos, administra os imóveis da família, fala bem claramente o que acha sobre o toque diferenciado: *“Não é uma coisa que eu ligue muito…”*. Além de Lúcia, Márcia Amorim, professora secundária de 54 anos, acrescenta que *“não uso, (…), não sei mexer, e eu só coloquei um toque, uma chamada. E para todo mundo. (…)* Não gostaria de ter não”. Para resumir, Sílvia Junqueira, professora de inglês de 54 anos, finaliza esta questão dizendo: *“Acho horrível”*.

Regina Ribeiro, 46 anos, fonoaudióloga, entretanto, é uma das poucas entrevistadas que usa toque diferenciado. Gosta deste dispositivo e traz em seu discurso que *“acha que são musiquinhas muito bonitas, que cada pessoa tem uma música que parece com ela, então quando eu escolhi pensei em cada pessoa”*.

Agenda de papel ou agenda do celular:

No que diz respeito ao uso da agenda, a maioria das entrevistadas informou usar a agenda de seu telefone celular. Lúcia Pinheiro, 51 anos, administra imóveis da família, é um bom exemplo quanto à forma de uso das entrevistadas em relação aos dispositivos do celular: *“Uso a agenda e falo no telefone, só”*. Débora Costa, professora de psicologia de 49 anos, se utiliza ainda mais desse recurso, contando que: *“(…) Quando eu estou em casa e meu celular está desligado, eu ligo só pra ver o número do telefone”*. Ludmila Alves, 43 anos, professora de história e diretora de artes, quando questionada se usa ou não a agenda de seu celular diz que: *“(…) agora que eu aprendi a colocar os nomes e telefones tenho usado direto”*.

Aliás, quanto a este aspecto, há um achado interessante, pois, quando usados, foram os filhos que as ensinaram a manipular tais dispositivos ou que preencheram a agenda com os contatos das mães. Márcia Amorim, 54 anos, professora secundária, revela que *“(…) eu sei mexer pouquíssimo no meu celular (…)* a minha filha que põe as coisas pra mim”. Sabrina Padrão, 41 anos, advogada, endossa o depoimento de Márcia relatando que: *“(…) meu filho colocou (os nomes na agenda) no início, outros eu que coloquei (…)”*.

Algumas entrevistadas contaram que apesar de possuírem a agenda como um dos recursos de seu celular, não sabem utilizá-la, ou preferem simplesmente digitar o número, por considerarem mais fácil. Raquel Dias, 46 anos e economista, é bem clara

ao dizer que “*não sei mexer com agenda*”. Solange Fernandes, aposentada com 54 anos, diz que “*(...) hoje eu estava sem óculos, então eu preferi digitar porque eu não estava enxergando nada, pelo menos eu vou pelo tato. Mais fácil do que aquele negócio dos meus atalhos: ‘yes, tan tan tan, yes...’, até fazer tudo isso... Mais fácil digitar*”.

Quando questionadas acerca de quais são os números que possuem gravados na agenda do celular, a maioria das entrevistadas respondeu que possui principalmente os telefones de sua família e amigos mais chegados. Entretanto, algumas entrevistadas também possuem os telefones de colegas de trabalho armazenados na agenda. Patrícia Ferrari, 53 anos, aposentada, relata que em seu celular tem os números “*(...) da minha mãe, das minhas filhas. As pessoas mais chegadas*”. Renata Loureiro, médica anestesista, com 51 anos, completa o discurso anterior dizendo que os números que estão na memória de seu celular “*geralmente são dos colegas de trabalho, cirurgiaão... Se você olhar, só tem médico! (...) Ah, tem família, minha mãe, irmã, tem os filhos também (...)*”.

A maior parte das entrevistadas revelou também usar agenda de papel ou agenda eletrônica para armazenar seus contatos. Lúcia Pinheiro, administradora de imóveis da família, com 51 anos, diz que “*(...) não tenho a menor confiança (na agenda do celular) (...) Eu só confio no que eu escrevo*”. Elizabeth Dantas, comerciante, 40 anos “e tal”, conta que “*(...)Tenho (os números) na agenda em casa e tenho no celular. Já aconteceu de um celular meu pifar, ir para a assistência técnica, ficar lá e perder toda a memória. Eu tinha tudo aqui, se eu não tivesse eu tava ferrada (...)Todos os números de telefone que eu anoto na agenda do celular, eu anoto na agenda em casa*”.

Como usam o identificador de chamadas:

No que diz respeito ao fato das entrevistadas olharem ou não o visor de seus aparelhos antes de atenderem às chamadas, a maioria delas informou olhar no bina. Isto, geralmente, é feito com o objetivo de “filtrar” as chamadas, ou seja, escolher quem irão atender.

Elizabeth Dantas, com 40 anos “e tal”, comerciante, diz: “*Olho sempre! E quando é um número também que eu não sei, eu costume não atender não (...) Não é sempre que tô a fim de atender (...) Depois dou uma desculpa qualquer. Nessa hora eu acho um saco, tem gente que fica em cima né?*”

Essa filtragem, por outro lado, não diz respeito aos seus filhos, cujas chamadas as entrevistadas atendem a qualquer hora e lugar. Mais uma vez, Elizabeth Dantas, comerciante com 40 anos “e tal”, exemplifica essa distinção, repondo que: “[*Tem alguma pessoa que você atenda a qualquer hora, em qualquer lugar?*] *Só a minha filha e o meu filho. [Até no trabalho?] Até, onde eu estiver eu atendo*”.

Grace Costa, 48 anos, comerciante, complementa dizendo olhar no visor: “*Sempre. [Por quê?] Ah, se aparece ali o número de quem tá ligando, não tem porque não olhar. É bom porque antes de atender você já sabe com quem vai falar. Às vezes já sabe até o assunto e se prepara pra falar alguma coisa (...)* Se eu vejo que é o número de uma das duas (filhas), ou se é o número de casa, eu com certeza vou atender, na hora”.

Algumas entrevistadas contaram que não olham no visor antes de atender as chamadas, já que dizem atender qualquer um a qualquer hora. Patrícia Ferrari, 53 anos e aposentada, comenta que atende qualquer um a qualquer hora “*sempre*”, uma vez que, “*não sei nem onde eu tenho que olhar. Tem dois visores, um grande e um pequenininho. E eu não enxergo*”. Solange Fernandes, 54 anos, aposentada, assim como Patrícia, diz que quando seu celular toca “*nem olho nada. Eu atendo direto*”. Marcela Andrade, 54 anos, dona-de-casa, conta que em seu celular “*só aparece o call*” e portanto “*eu atendo direto, entendeu, ele não tem isso não, de aparecer o número, ficar gravado*”.

As entrevistadas que informaram não olhar no bina realmente mantêm este discurso ao longo de toda a entrevista não havendo contradições. Três delas dizem atender direto pois, para enxergarem o número que aparece no visor, precisam colocar os óculos e, na maioria das vezes, elas estão sem os mesmos, como exemplifica o relato de Marcia Amorim, professora secundária com 54 anos: “*Atendo direto (...) Não enxergo, tem que colocar os óculos, às vezes até eu achar, (...) já tô sabendo quem é (...)*”. Apenas uma delas disse claramente que, se estiver de óculos no momento em que seu telefone toca, aí sim olha no bina. Caso contrário, atende direto mesmo: “*(...) quando eu olhei no visor, eu tava de óculos, eu vi que era o Tadeu. (filho), (...) aí olha a pergunta dele ‘onde você tá?’*”, relatou Tania de Castro, 53 anos, professora de português, comentando uma ocasião em que ela ficou muito constrangida, pois seu filho a interrompera numa entrevista de emprego, fazendo-a a desligar seu aparelho em seguida.

Interpretação dos Resultados:

Para que pudéssemos interpretar os resultados acima analisados, ao longo do período compreendido entre setembro de 2005 e junho de 2006, fizemos um levantamento do que vem sendo dito sobre os impactos dos celulares na literatura especializada. Este levantamento foi bastante trabalhoso, pois a literatura sobre os impactos dos celulares é pequena e está espalhada por diversas disciplinas.

Outra dificuldade que se apresentou foi a de que praticamente toda ela é publicada em inglês e nem todos os membros do grupo de pesquisa dominam bem esta língua. Mesmo assim, conseguimos levantar os seguintes itens bibliográficos que consideramos relevantes para compreender as mudanças que vêm sendo geradas pelos celulares:

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998. (Trabalho original publicado em 1997)
- _____ **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. (Trabalho original publicado em 2000)
- _____ **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (Trabalho original publicado em 2003)
- FISCHER, Claude S. **America calling: A social history of the telephone to 1940**. Berkeley: University of California Press, 1992.
- GOTTLIEB, Nanette.; McLELLAND, Mark. The Internet in Japan. In: _____ (Orgs.). **Japanese cybercultures**. Londres: Routledge, 2003, p. 1-16.
- KRAUT, Robert; LUNDMARK, Vicki.; PATTERSON, Michael.; KIESLER, Sara.; MUKOPADHYAY, Tridas.; SCHERLIS, William. The Internet paradox. A social technology that reduces social involvement and psychological well-being? **American Psychologist**, ano 53, número 9, 1998, p. 1017-1031.
- PURO, Jukka.-Pekka. Finland: a mobile culture. In: KATZ James E.; Aakhus, Mark (Orgs.). **Perpetual contact: mobile communication, private talk, public performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 19-29.
- RHEINGOLD, Howard. **The virtual community: Homesteading on the electronic frontier**. 1993. Disponível em <<http://www.well.com/user/hlr/vcbook/>>. Acesso em 12 abr 2002.

Esperamos que este levantamento nos permita compreender mais detalhadamente os resultados apresentados anteriormente, principalmente aqueles que

julgamos ser mais interessantes como aqueles sobre segurança (há indicadores de que esta segurança pode estar principalmente associada à tranquilidade gerada para as mães pelo fato de saber que os filhos estão bem), sobre controle (que foi qualificado por muitas como um controle diferente daquele ao qual elas próprias foram submetidas) e sobre privacidade (que as mães revelam não deixar que seja invadida).

Referências Bibliográficas:

Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2004). A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade. *Psicologia Ciência e Profissão*. Brasília: v.24, n.1, p.82-83.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2004). Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília: v.20, n.2, p.prelo.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2003). Jovens e celulares: a cultura do atalho e da sociabilidade instantânea. In: Seminário Culturas Jovens e Novas Sensibilidades, 2003, Rio de Janeiro. *Culturas Jovens e Novas Sensibilidades*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, v.prelo.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2002b). Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito?. *Estudos de Psicologia* (UFRN), volume 7, n.1, pp. 25-35.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2001) *Estamos diante de uma nova revolução? Investigando os impactos psicológicos do uso de celulares multifuncionais*, projeto de pesquisa apresentado ao CNPq no ano de 2001.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (1994). A análise de discurso em questão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, volume 10, n. 2, maio/agosto (pp. 317-331).

Nicolaci-da-Costa, A.M. (1989). Questões metodológicas sobre a análise de discurso. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, volume 4, n. 1/2, (pp. 103-108).